

# A RECEPÇÃO DE JAMES BALDWIN NO “CADERNO DE SÁBADO”, DO JORNAL *CORREIO DO POVO*

THE RECEPTION OF JAMES BALDWIN IN “CADERNO DE SÁBADO”, BY  
*CORREIO DO POVO*

Mariana Soletti<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo busca analisar o texto “James Baldwin: Aqueles que todos conhecem”, escrita pelo crítico Joseph Epstein (1937-), traduzido para o português para o jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, mais especificamente para o “Caderno de Sábado”, suplemento cultural do veículo, de 8 de março de 1969. Para discutir algumas obras literárias que aparecem na resenha, trouxemos as próprias como referência, assim como bibliografias complementares como Toni Morrison (2019). Pretende-se entender como a recepção de James Baldwin no Caderno de Sábado trouxe à tona as questões raciais para a realidade brasileira, que vivia no período mais pungente da Ditadura Militar (1964-1985). Essa era uma sociedade que urgia por cultura e conscientização em âmbito sociocultural. Portanto, a relevância deste trabalho é de entender o lugar de James Baldwin na literatura norte-americana como difusor de ideias que podem ser traduzidas, literalmente, para todo o mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acervo; James Baldwin; *Correio do Povo*; Caderno de Sábado.

**ABSTRACT:** This article seeks to analyse “James Baldwin: Those Who Everyone Knows”, written by the critic Joseph Epstein (1937-) and translated into Portuguese for the newspaper *Correio do Povo*, from Porto Alegre, more specifically for the Caderno de Sábado culture supplement, on March 8, 1969. To discuss some literary works that appear in the article, we bring them as reference, as well as complementary bibliographies such as Toni Morrison (2019). It is intended to understand how James Baldwin's reception in Caderno de Sábado brought racial issues to light in the Brazilian citizen's reality, who were living in the most poignant period of the Military Dictatorship (1964-1985). Hence, it was a society that urged culture and awareness in the sociocultural sphere. Therefore, the relevance of this work is to understand the place of James Baldwin in North American literature as a diffuser of ideas that can be translated, literally, for the whole world.

**KEYWORDS:** Collection; James Baldwin; *Correio do Povo*; Caderno de Sábado.

<sup>1</sup> Mestra em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil. Doutoranda em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil. Bolsista CAPES – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8186-2985>. E-mail: [solettimariana@gmail.com](mailto:solettimariana@gmail.com).

## 1 Introdução

O presente artigo busca analisar “James Baldwin: Aqueles que todos conhecem”, escrita pelo crítico Joseph Epstein (1937-), traduzido para o português para o jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, mais especificamente para o “Caderno de Sábado”, suplemento cultural do veículo, de 8 de março de 1969. Ademais, buscamos mostrar como a obra de James Baldwin chegou aos leitores gaúchos, quais foram suas obras literárias mais difundidas e, por conseguinte, quais de suas ideias (intra ou extraliterárias; revolucionárias, de qualquer maneira) mais discutidas. O que se é dito sobre o problema racial nos Estados Unidos retratado em sua obra pode gerar reflexões ao leitor brasileiro, que, à época, vivia a mais dura repressão na Ditadura Militar (1964-1985).

James Baldwin nasceu em 1924 e passou a grande maioria da sua vida em Nova York, mais especificadamente em Harlem, conhecido por clubes de jazz intimistas e herança afro-americana. Ele é autor de mais de vinte textos ficcionais e não ficcionais, incluindo *O quarto de Giovanni* e *Terra Estranha*, dentre outros que serão destrinchados pelo crítico Joseph Epstein (1937-) no “Caderno de Sábado”. O autor recebeu bolsas e prêmios como a Eugene F. Saxton Memorial Fellowship, a *Partisian Review* Fellowship e Ford Foundation grant. Ele morreu em 1987, na França.

O trabalho de Baldwin ficcionaliza dramas pessoais que se entrelaçam com problemáticas pertinentes no que tange a momentos de tensão sociocultural, como o de movimentos políticos pelos direitos civis dos afro-americanos e o movimento de liberação gay. Não à toa, seus personagens são frequentemente negros e homens gays e bissexuais, enfrentando obstáculos internos e externos em suas jornadas. O referido artigo procura demonstrar como, além de um exímio escritor, Baldwin também era uma figura pública e orador – tendo, em *The Fire Next Time*, feito uma exaustiva reflexão sobre os cem anos de abolição da escravatura e a Nação do Islã (NOI), cuja organização era de Elijah Muhammed.

Segundo nos fala Karina Avelar de Almeida (2022), a repressão na Ditadura Militar Brasileira (1964-1985) ocorria de maneira sistemática: o silêncio fora imposto por práticas sistemáticas como a censura, a repressão de movimentos estudantis, a tortura e o apagamento de documentos e recursos relacionados à transparência do governo militar. Portanto, nos diz Edson Teles (2020), frente a momentos em que os modos de controle das subjetividades dinamizados em democracia estão postos em perigo, como agora, é pertinente ter um “olhar em torno da presença do passado, por meio de seus elementos mnêmicos”, lançando “luzes sobre a elaboração das novas formas de resistência” (TELES, 2020, p. 279).

A condição de crise política não é exclusividade do Brasil. Enquanto a Ditadura Militar Brasileira é imprescindível para que entendemos novos processos de subjetivação à guisa de conceitos como classe, raça e orientação sexual, nos Estados Unidos o movimento dos direitos civis dos negros conseguiu reformas visando abolir a discriminação e a segregação racial no país. Todavia, as campanhas não perderam seu caráter transgressivo, indo de encontro aos interesses da população majoritária.

A contracultura nos Estados Unidos, então, pode ser levada em consideração tal como nossa irmã distante. A correlação ganha força quando pensamos em documentos que mostram como a ditadura negou o racismo; Lucas Pedretti (2023) aponta o cantor Tony Tornado como o real algoz cultural da Ditadura Militar, e não Chico Buarque ou Geraldo Vandré. No Festival Internacional da Canção de 1970, militares se mobilizaram para que não fizesse o gesto-símbolo do poder negro, um punho direito cerrado e braço estendido para o alto. O episódio não é algo isolado: muitos dos documentos produzidos pelas agências repressivas do regime têm como título “Racismo Negro no Brasil”.

Dessa maneira, a possível recepção do texto de Baldwin no Brasil, em 1969, tornaria-se ambivalente. Por conseguinte, percebe-se a pertinência de tratá-la com esmero, que a produção do autor norte-americano demonstra as bases para a

reconstrução do movimento Negro no Brasil, contando com grupos diversos e manifestações culturais.

A metodologia desta pesquisa visa esmiuçar o volume III do Caderno de Sábado do *Correio do Povo*, ano II e número 71, dividindo o artigo em seções, tal como o autor pretendia. Assim, realizar-se-á uma análise interessante, levando em consideração os acontecimentos de terremotos políticos ocorridos em diferentes continentes. O trabalho fez parte do Grupo de Pesquisa Acervo de Escritores Sulinos, coordenado pela Profa. Dra. Regina Kohlrausch na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A princípio, a ideia seria encontrar resenhas e artigos sobre escritores sul-rio-grandenses no acervo do *Correio do Povo*, inovador na profissionalização dos jornalistas – o jornal teve a primeira impressora rotativa do Rio Grande do Sul, em 1910, quando atingiu uma circulação de dez mil exemplares. A partir da leitura incessante do caderno cultural, chegou-se ao texto “James Baldwin: Aqueles que todos conhecem”.

## 2 O texto

No volume III do Caderno de Sábado do *Correio do Povo*, ano II e número 71, há um extenso artigo sobre James Baldwin, romancista, ensaísta e teatrólogo oriundo do Harlem, Nova York. O nome é “James Baldwin: Aquele que todos conhecem” e foi escrito pelo jornalista, crítico e escritor Joseph Epstein. Traduzido para o português por um autor desconhecido, foi veiculado dia 8 de março de 1969. O caderno não podia ser vendido separadamente do jornal.

De antemão, o jornalista ressalta os aspectos autobiográficos de sua obra, já que “o fato de Baldwin ser também negro empresta à sua obra e, com efeito, à sua vida, uma importância especial - tornando imperativo que a estudem todos aqueles que alegam conhecer até mesmo superficialmente o problema da negritude na América”, o que corrobora inclusive com os escritos de Baldwin sobre a questão, como em “The Fire Next Time” (1963, 1995), publicado originalmente em 1963.

Para o crítico, os trabalhos de Baldwin são necessários para o entendimento da situação racial do país; não só, ressaltando, enquanto posição de narrador, mas também porque ele próprio foi ativo nos capítulos da história mais recente. Seu ativismo não se restringe à literatura: é intelectual, artista e ativista. O artigo discute o seu então romance mais recente, “Tell me How Long the Train’s Been Gone”, publicado em 1968, em que um ator negro tenta sobreviver à América, parafraseando Gil Scott-Heron e, por que não, Kanye West.

O artigo foi escrito antes de James Baldwin completar trinta anos, mostrando o poder de sua voz. Há uma pequena bibliografia sobre o autor em uma das retrancas, contando que nasceu na “arruinada parte baixa da cidade” (Harlem), onde muitos de seus romances são ambientados. A infância influenciou o seu processo criativo também por suas referências literárias, já que lia tudo o que lhe dessem, senão a bíblia. A família era extremamente religiosa, e

o pai de Baldwin era diácono em uma das muitas igrejas do Harlem, tempos improvisados que surgiam quando grupos de vizinhos, com as mesmas ideias, reuniam-se para alugar uma loja vazia, compravam os bancos e um púlpito e davam início aos serviços religiosos. O próprio Baldwin, à idade de 14 anos, pregou numa dessas igrejas (EPSTEIN, 1969, p. 8).

Sua reaproximação com a igreja aparecerá na coletânea “The Fire Next Time” (1963, 1995), mas no seu primeiro romance, “Go Tell It on the Mountain” (2013), publicado em 1952, a fé já surge em demasia. As semelhanças das angústias de um garoto de catorze anos com o jovem pastor Baldwin podem ser analisadas. A culpa e repressão que a religião implica na vida do(s) garoto(s) causa a ambivalência entre a sedução da retórica do pregador, de forma que “ele [Baldwin] jamais deixou de considerá-la em termos de atração imaginosa e profunda excitação” (EPSTEIN, 1969, p. 8). O livro tem uma estrutura não linear, dividido em variadas perspectivas. Suas ambiguidades demonstram que a jornada do homem para a fé, e a música, assim como para James Baldwin, tem um grande papel na vida do protagonista John.

O errante protagonista de “Terra Estranha” (2018) pode ter as nuances do pai de Baldwin, que é praticamente analisado pelo artigo do *Correio do Povo*. É escrito que “o velho Baldwin foi um fracasso aos olhos do mundo e aos seus próprios. A sua maior falha, segundo o filho, era a incapacidade de estabelecer contato humano. No homem, havia algo de gelado, remoto”. O seu ódio era remanejado para os brancos, o que dificultou a relação com o filho - como visto em “The Fire Next Time” (1963, 1995), amistoso perante a outra raça. De qualquer maneira, Baldwin não considera a visão do pai de toda errada, por mais que fosse mais cordial:

“Anos mais tarde, especialmente quando se tornou evidente que a minha “educação me conduziria à perdição”, ele se tornou ainda mais claro e advertiu-me de que os colegas brancos da escola secundária não eram realmente meus amigos, e que eu veria, homem feito, que eles tudo fariam para manter os negros em situação de inferioridade. Alguns deles podiam ser agradáveis, admitia, mas nenhum merecia confiança, e a maioria nem mesmo era agradável, A melhor coisa a fazer era evitá-los, tanto quanto possível. Eu não pensava assim e estava certo, inocente que era, que jamais pensaria” (BALDWIN, 1963, apud EPSTEIN, 1969, p. 8).

Narra-se que tal inocência morreu quando terminou os estudos secundários e ingressou numa fábrica de armas em Nova Jersey. Lá, aprendeu que ser negro significava, exatamente, ser ignorado e ficar simplesmente à mercê dos reflexos que mudariam a vida dele para sempre. O medo das relações inter-raciais é como uma doença que

jamais abandonará o doente, pois a febre, sem sequer um momento de aviso, virá sempre a abrasá-lo novamente. E ela pode destruir coisas mais importantes do que as relações raciais. Não há negro vivo que não tenha hoje ódio no sangue - com a única e simples alternativa de conscientemente aceitá-lo, ou ceder aos seus rompantes (BALDWIN, 1963 apud EPSTEIN, 1969, p. 8).

As citações de "The Fire Next Time" não tiveram suas referências explicadas pela resenha, então, toma-se em consideração a edição de 1995, publicada pela Modern Library, para citações que não foram feitas por Epstein.

Como, então, combater o ódio? Em “Notes of a Native Son” (1955), o autor tenta buscar respostas para o embate (há muito tempo denunciado pelo pai). O artigo fala em uma “amargura devastadora” de homens que transpiram ódio, como uma antítese daquilo que Baldwin busca na palavra:

“Eu sabia que... o ódio era uma tolice. Era necessário apegar-me no que realmente importava... A nova vida importava; não importavam a negritude e a brancura. Acreditar que importavam equivalia a concordar com a própria destruição. O ódio, que tanto pode destruir, jamais deixa de destruir o homem que odeia, e isto é uma lei imutável.

Comecei a perceber que teria de manter sempre em mente duas ideias aparentemente contraditórias. A primeira, a aceitação, uma aceitação totalmente sem rancor da vida como ela é e dos homens como eles são; à luz dessa ideia, dispensa dizer que a injustiça torna-se coisa sem importância. Mas isto não significava que se devia ser complacente, pois a segunda ideia possuía igual poder que o homem jamais devia, no que interessava à sua própria vida, aceitar tais injustiças como inevitáveis, mas combatê-las com todo o vigor. A luta começa, contudo, no coração. Agora, acusam-me de manter o meu próprio coração isento de ódio e desespero” (BALDWIN, 1955 *apud* EPSTEIN, 1969, p. 8).

Percebe-se, aqui, a importância que o jornal dá à citação em que James Baldwin justifica o que alguns poderiam chamar de “complacência”, tal como se ele fosse um negro condescendente com o que fazem outros negros “transpirar ódio”, destilar “amargura”, nas palavras do próprio artigo (EPSTEIN, 1969, p. 8). Posto isso, é revolucionário o fato de que o *Correio do Povo*, em plena Ditadura Militar no Brasil, também tenha dado espaço à segunda parte da citação, mesmo que atenuasse as adjetivações dadas anteriormente a algum certo tipo de “radicalismo”: “Não significava que devia ser complacente”, “o homem jamais devia [...] aceitar tais injustiças como inevitáveis, mas combatê-las com todo o vigor” (EPSTEIN, 1969, p. 8).

O equilíbrio entre ideais ocasionalmente conflitantes, a recusa à pulsão de morte que nos traz ódio e aniquilação e os seus evidentes ajudantes, as injustiças no mundo como o racismo, contribuíram para a prosa de Baldwin. Joseph Epstein poderia ter citado “Terra Estranha” (2018), em que a personagem principal se vê arrebatada por argumentos convincentes de ambos os lados. A complexidade do

problema, e não necessariamente a execução de sua solução, é o que faz os leitores serem capturados por James Baldwin. Epstein optou por trazer um de seus primeiros ensaios publicados, “Everybody’s Protest Novel”, atacando o romance de protesto “A cabana do Pai Tomás”, de Harriet Beecher Stowe. O livro energizou o debate antiescravista no norte dos Estados Unidos, enquanto provocou raiva generalizada no sul. Quando encontrou o presidente Abraham Lincoln, o presidente atribuiu a ela (e ao seu livro, evidentemente), o início da Guerra Civil. Baldwin o considerou um “fracasso artístico”, pois a literatura de protesto, para ele, trazia, “inerente, a negação da complexidade dos seres humanos, o que, em última hipótese, a torna desumanizadora”. Suas colocações fazem o leitor pensar que a caracterização do negro no romance em questão não trouxe qualidades humanas, pois não os demonstraram como pessoas “imprevisíveis e indefiníveis”. Em suma: criou-se uma redoma de vidro onde as personagens transitavam, unidimensionalmente, apenas em bons traços, sem “seus pavores, o seu poder, na insistência em que somente a sua inclusão em categorias é que é real e que pode ser transcendida” (EPSTEIN, 1969, p. 8).

Retoma-se, então, o aspecto da religião na vida de Baldwin, na “crença em que descrever a vida em algo menos que a sua total complexidade implicava em tratá-la desonestamente”. Uma breve resenha de “Go Tell it On the Mountain” (2013), publicado em 1953, trata o texto como “uma espécie de crônica familiar, sondando o passado de uma família negra - pai, mãe e tia - embora de modo cuidadosamente ordenado e dramaticamente apresentado, sem qualquer uma das complicadas histórias individuais exigidas usualmente pelas crônicas familiares” (EPSTEIN, 1969, p. 8). A importância do pai na questão da religião é enfatizada pelo jornal, denotando o caráter autobiográfico do romance. Há elucubrações sobre mais de duas cenas, terminando com a ideia de “luta espiritual que, imaginava [o protagonista], Deus e o Diabo travavam em sua alma”, o que poderia lembrar a então recente obra “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, que também apareceu nesta edição do Caderno de Sábado (EPSTEIN, 1969, p. 8).

Sobre o processo criativo de James Baldwin ao escrever “Go Tell It on the Mountain”, o artigo conta que Baldwin o escreveu na Europa, para onde foi com 24 anos. Viveu grande parte deste tempo em Paris (nove anos), onde também escreveu “O quarto de Giovanni” (1956) (no texto aparece como “Giovanni’s Room”, mas sabemos que a primeira tradução do livro para o português brasileiro deixou o título como somente “Giovanni”).

Houve discussões sobre as visões de James Baldwin sobre tornar-se estrangeiro (em um sentido literal, agora) em sua longa temporada na Europa. Em “O quarto de Giovanni” (2018), a diferença gritante entre as duas cidades possibilita também que o personagem se entenda diferente enquanto homem homossexual - o texto transparece tanto a distância de Baldwin com a terra natal que ele optou por criar uma história com dois protagonistas brancos, expiando-se (com justiça) da responsabilidade de estar fadado a falar sempre sobre uma grande temática, a racial.

Esse foi um motivo pelo qual James Baldwin decidiu deixar os Estados Unidos. A sua volta passou por essas interseções encontradas em seu íntimo, potencializadas pela escrita de "O quarto de Giovanni" (2018) e a recepção norte-americana.

A potência de suas indagações sobre seu processo criativo e a sua importância enquanto escritor continua a ser discutida aqui, agora sob o viés do Movimento dos Direitos Civis no início da década de 60, como “incitador, com grande ressonância, especialmente entre os jovens” (EPSTEIN, 1969, p. 9). Culturalmente falando, a sua obra teve mais alcance por causa do movimento, o que lhe deu uma responsabilidade que o artigo, na retranca anterior, insinuou não ser de seu interesse.

O seu papel de “porta-voz do seu povo”, mesmo com caráter ambíguo (como demonstrado anteriormente, em seu embate ante o que alguns poderiam julgar como “radicalismos”), fez com que o próprio autor se analisasse novamente em seu então mais recente romance, “Tell Me Long the Train’s Been Gone”. O herói do romance é um famoso ator negro. Ele discursa em um comício a outros negros, de maneira

que o que fala não difere tanto das ideias de Baldwin acerca das relações entre raças. Neste momento, Joseph Epstein trata “Terra estranha” (2018) como

um romance que não parece ter sido tanto escrito como produzido por um esforço de vontade, não tão completado como abandonado. É um livro seriamente defeituoso, cujo defeito, por irônico que pareça, tem origem na própria advertência que Baldwin fez a si mesmo: não conservou a distância conveniente, e desligamento básico, entre o autor e o tema, que lhe daria o necessário descortino. Discute o tema convincente de que o amor - e, sim, a própria vida - não será possível enquanto o homem viver mecanicamente, governado por distinções artificiais e humanamente deprimentes. Não obstante, o romance, ao descrever o mundo dos músicos de “jazz”, intelectuais acadêmicos e escritores de Nova York, parece constituir mais um ato de violência do que uma descrição. “Duro”, “vigoroso”, “perturbador”, tais foram alguns dos adjetivos com que os críticos o descreveram. Mas são adjetivos que se podem interpretar de formas contraditórias (EPSTEIN, 1969, p. 9).

Este livro de Baldwin traz, entretanto, problemas que se intercalam perfeitamente com o que Epstein julga “a obra-prima” do autor, a ser visto posteriormente. “Terra Estranha” (2018) trata de temas como compaixão, empatia e sensibilidade perante o Outro, por mais que os sentimentos possam não ser recíprocos. Os sofrimentos de Rufus, o personagem principal, eram só percebidos por Ida, uma mulher negra. Vivaldo era o melhor amigo dele e mesmo assim não estava só cego às questões sociais e raciais, que permeiam o emocional do homem negro nos Estados Unidos, como quando confrontado inúmeras vezes por Ida, com quem iniciou um relacionamento interracial, tornava-se rude, tal como se estivesse “cansado” de uma discussão na qual ele era o algoz. Ida, então, é vista como descontrolada. Isso dificulta o entendimento entre brancos e negros, o que será visto em “The Fire Next Time”, em que James Baldwin e Elijah Muhammed, líder da Nação do Islã de 1934 até a sua morte, discutem tais questões com vivacidade.

Nesta retranscrição, é o momento em que Joseph Epstein cita “The Fire Next Time” (1963, 1995) como “sua obra-prima até o momento, e cuja origem retroage diretamente à sua participação”. O seu domínio sobre o gênero ensaio impressiona o jornalista, trazendo a crítica literária para corroborar com seu ponto de que “Baldwin já assegurou o seu lugar como um dos dois ou três maiores ensaístas produzidos por

este país” (EPSTEIN, 1969, p. 9). O presente ensaio, aqui, é considerado “um documento básico do Movimento dos Direitos Civis na América”, cujo impacto foi muito mais profundo do que qualquer outra obra do autor. Explica-se a estrutura do ensaio, dividido aproximadamente em três partes (EPSTEIN, 1969, p. 9).

Nesta obra, James Baldwin entende que se espera que o negro continue no gueto, que não saia das definições do homem branco, o que corrobora com os acontecimentos em “Terra Estranha” (2018) expostos anteriormente, livro este publicado pela Companhia das Letras. Sua leitura sobre a “Outremização” do negro é complexa e potente, afirmando que os brancos se sentem obrigados a sentir que os negros são inferiores a eles, pelo simples medo de perder a sua própria identidade.

A autora Toni Morrison, em “A origem dos outros” (2019), entende que se aprende a Outremização por meio do exemplo, em que a emoção de “pertencer” possibilita a existência de uma identidade hegemônica e o eu isolado. As vantagens de existir o Outro e as consequências sociais e políticas de repudiar essas vantagens recaem, como Baldwin genialmente aponta, em um medo exagerado: não só de perder a identidade, mas na possibilidade de se tornar o estrangeiro. No final das contas, não conseguimos admitir que os outros são uma ilusão, e existem na realidade apenas versões de nós mesmos, em uma perspectiva quiçá lacaniana. Essas ilusões sustentariam nossas fantasias inconscientes e imaginárias, pois passamos a vida inteira tentando nos igualarmos a um eu ideal.

De maneira tão (ou mais) revolucionária quanto o ódio nutrido pelo pai, reivindica que o negro tem que saltar de políticas compensatórias (como a igualdade abstrata de Simone de Beauvoir, que denunciava “os pequenos privilégios” das mulheres em “O segundo sexo”, de 1949) quando se cria a diferença entre *house/field*, ou senzala grande e senzala, quando “deixam negros entrarem em sua casa”.

A cristandade, tema presente aqui por contar aspectos muito autobiográficos ao autor, é trazida como aspecto negativo, sendo ela um motivo pelo qual *se cria* o ódio ao Outro, trazendo paralelos com o judaísmo, a perseguição aos judeus e outras

religiões. Seu encontro com Elijah Muhammed, líder do grupo Nação do Islã, demonstra bem tal “Outremização”, e como a religião trabalha para denotar as diferenças entre os dois grupos (“God is on our side”, diriam os conservadores, como confirmação de que suas virtudes é maior, logo, seu poder é maior). Enquanto o cristianismo perpetuar essas diferenças nos Estados Unidos, a população negra continuará sofrendo. Afinal, “the white men’s heaven, sings a Black Muslim minister, is the black men’s hell” (BALDWIN, 1995, Loc. 352 *segundo o Kindle*).

O que acontece em “Terra Estranha” (2018) é explicado aqui por Elijah: essas pessoas, no alto de suas boas intenções, seja lá se elas existem ou não, jamais irão entender. E não entender a dor do outro é desumanizar o Outro, e daí vem a raiva justificada. Como, então, não entender o pai de James Baldwin? Como depositar as energias em pessoas que não se apresentam abertas superficialmente para entender as suas feridas? Baldwin, embebido por seus próprios traumas, pensa a advogar a algumas pessoas brancas (“She’s all right - not the others!”, ou “Ela não é o problema, são os outros”. Mas quantos outros existem? Como Elijah o faz questionar, “Do I really want to be integrated into a burning house?” (BALDWIN, 1995, Loc. 797 *segundo o Kindle*). Os valores discrepantes dos brancos com a realidade do negro, a impossibilidade de enxergar os medos mais profundos e inconscientes do negro, as projeções em sua subjetividade, fazem com que a única forma de acabar com o sentimento de inadequação na sociedade é “tornando-se negro”, ou seja, reivindicando lugares e parando de buscar uma aceitação ideal.

Joseph Epstein aposta na esperança de Baldwin em enxergar o futuro como um lugar com significativas mudanças a minimizar, no processo, os danos para a realidade do negro na sociedade não só norte-americana, pelo que a tradução nos deixa captar. A apaixonante saída, para Baldwin, é compilada em duas grandes citações feitas por Epstein, como esta:

“E aqui estamos, no centro da roda, aprisionados no mais garrido, mais valioso e mais inacreditável monjoio que já se viu. Devemos supor agora que tudo está em nossas mãos. E não temos o direito de supor outra coisa. Se nós - e, por nós, tenho em mente os brancos em egros relativamente conscientes, insistirmos em despertar e conseguirmos despertar a

consciência dos demais - e não vacilarmos em nosso dever agora, poderemos, ainda assim, um punhado que somos, pôr um ponto final no pesadelo racial, edificar um país, e mudar a história do mundo. Se não ousarmos tudo agora, o cumprimento daquela profecia, tirada da Bíblia e recriada numa canção por um escravo cairá sobre nós: ‘Deus mostrou a Noé o sinal do arco-íris. Água, não. O fogo, na próxima vez’ (BALDWIN, 1963 *apud* EPSTEIN, 1969, p. 9).

Depois da publicação de “The Fire Next Time”, Baldwin deixou a América para a Europa novamente. O seu movimento diz respeito também à intensidade de sua escrita, para Epstein. Na última retranca, o jornalista recapitula as características marcantes da escrita de James Baldwin e cita, novamente, romances como “Go Tell It on the Mountain” e “Tell Me How Long The Train’s Been Gone”, a trazer o aspecto autobiográfico à luz da “fuga” do autor para um destino menos cruel. Não obstante, ressalta que “seja provavelmente mais aconselhável não levar muito longe a semelhança autobiográfica, ainda assim, em um sentido muito claro”, sua obra é um sumário de sua vida e espírito em meio à carreira (EPSTEIN, 1969, p. 9).

### 3 Considerações Finais

A recepção da obra de James Baldwin no suplemento cultural do jornal *Correio do Povo*, "Caderno de Sábado", demonstra como as questões norte-americanas poderiam ser alinhadas com as brasileiras em períodos de tensão social. A relação de James Baldwin com o *gueto*, e como mostrava a desigualdade entre Harlem e a baixa Manhattan em suas produções literárias, demonstra como o Brasil não estava – e não está, para ser sincero – longe da não-autorização sutil de adentrar certos lugares seguindo as definições dos homens brancos, como uma delegada no Ceará que foi proibida de entrar em uma loja no shopping, em setembro de 2021. Baldwin (1995, Loc. 71 *segundo o Kindle*), de fato, fala na proibição de até mesmo "soletrar o próprio nome", como se sua identidade fosse suprimida em prol de valores com os quais todos precisam compactuar compulsoriamente (os valores da cristandade e do homem branco, o que corrobora com tal ligação inesperada entre os Estados Unidos e o Brasil).

O fato de que Joseph Epstein focou em "The Fire Next Time" mostra como a questão era urgente na época para os norte-americanos; o artigo traduzido, então, trouxe de certa forma ao dia a dia do brasileiro um pouco desta urgência. O período da Ditadura Militar aguçou o ceifar das identidades de maneira que, tranquilamente, o texto poderia ter sido escrito diretamente para o Caderno do Sábado. Até mesmo se formos considerar o período em que James Baldwin escreveu o livro, anterior à Ditadura Militar no Brasil, tínhamos Carolina Maria de Jesus (1960, p. 59) explicando que o país precisava "ser dirigido por uma pessoa que já passou fome"; um tipo de literatura de denúncia compatível com o que James Baldwin estava fazendo.

Neste sentido, trazer "O quarto de Giovanni" (2018) também aguçou a percepção do leitor brasileiro, porque se colocou no lugar do "Outro" de uma maneira diversificada: não mais através da cor da pele, mas da orientação sexual e do próprio estrangeirismo geográfico, que possibilitou aos protagonistas do livro viver uma história que estaria condenada ao fracasso fora de Paris.

Acreditamos que a extensão do texto permitiu que entendêssemos que a recepção de James Baldwin no "Caderno de Sábado", do jornal *Correio do Povo*, foi positiva, e que foi apropriada para a linha editorial seguida pelo suplemento em tempos tão difíceis quanto os anos de chumbo.

### **REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, Karina Avelar de. A ditadura civil-militar brasileira em disputa no tempo presente. *Faces de Clio*, v. 8, 2022, pp. 10-27.
- BALDWIN, James. *Go Tell it on the Mountain*. New York: Vintage Books, 2013.
- BALDWIN, James. *O quarto de Giovanni*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BALDWIN, James. *Terra estranha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BALDWIN, James. *The Fire Next Time*. New York: Dial Press, 1963.
- BALDWIN, James. *The Fire Next Time*. New York: The Modern Library, 1995.

EPSTEIN, J. James Baldwin: Aqueles que todos conhecem. **Caderno de Sábado**, *Correio do Povo*, v. III. ano II, n. 71, 8 mar. 1969. Disponível no Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

DE JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*. São Paulo: Editora Ática, 1960.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELES, Edson. Memória, ditadura e desaparecimento: o congelamento dos processos de subjetivação. *Limiar*, v. 7, n. 12, 2. Semestre 2020, pp. 278-294.

Recebido em 13/07/2024.

Aceito em 25/04/2024.